



## **Acontecimento jornalístico e redes sociais: novas semioses no webjornalismo<sup>1</sup>**

Ronaldo Cesar Henn<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - RS

### **Resumo**

O artigo aborda primeiros movimentos de pesquisa que investiga lógicas de um tipo de acontecimento específico, cuja emergência se dá no âmbito das redes sociais. Com foco em ocorrências que envolvam preconceitos como xenofobia, homofobia e outros, a investigação, centrada no twitter, analisa as manifestações que, ao liderarem os trends topics, produzam noticiário nos principais portais de notícias. Busca-se desenhar uma cartografia destes acontecimentos, a partir do conceito de semiose de C. S. Peirce, que permita que se entenda tanto a sua natureza como as possibilidades de sentido. Parte-se do pressuposto de que já existam acontecimentos que atendem às dinâmicas da web em convergência com outras ferramentas e plataformas.

### **Palavras-chave**

Webjornalismo; acontecimento; semiose; redes sociais

### **Introdução**

As redes sociais não só introduziram ao longo dos anos 2000 novas formas de sociabilidade como também de produção e circulação de informação. Em convergência com plataformas móveis, como celulares, smartphones e tablets, essas redes protagonizaram nos últimos anos a formatação de acontecimentos como os protestos da oposição nas eleições do Irã em 2009<sup>3</sup> e a recente renúncia do ditador Ben Ali da Tunísia em 2010 (RECUERO, 2011). As eleições do presidente dos Estados Unidos Barack Obama em 2008 teve também uma presença significativa da web. No Brasil, após a confirmação da vitória da presidente Dilma Rousseff no pleito de 2010, manifestações anti nordestinos proliferaram-se pelo twitter acompanhadas de reações de intensidade maior. Uma estudante de direito em São Paulo, que postou mensagem xenófoba agressiva gerou forte repúdio e acabou demitida de estágio que cumpria em importante escritório de advocacia<sup>4</sup>. Em maio de 2011, um protesto na forma de

---

<sup>1</sup> Exemplo: Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor pesquisador do PPG em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

<sup>3</sup> Matéria do New York Times reproduzida na UOL em 16 de junho informava que “no Twitter, as reportagens e links para fotos de uma marcha pacífica em massa por Teerã na segunda-feira (15), juntamente com relatos de combates nas ruas e vítimas por todo o país, se tornaram o assunto mais popular no serviço em todo o mundo, segundo as estatísticas publicadas pelo Twitter”

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2009/06/16/ult34u223320.jhtm>

<sup>4</sup> Conforme notícia publicada em O Globo em 01/11/2011 <http://glo.bo/9uCFsa>



churrasco no bairro Higienópolis de São Paulo, contra manifestações preconceituosas de moradores contrários a instalação da estação de metrô, foi todo organizado pela rede<sup>5</sup>.

Todas as ocorrências descritas apontam para movimentos semióticos que fazem das redes sociais um ambiente privilegiado para a emergência de novos acontecimentos jornalísticos. Entre elas, o twitter, que permite a postagem de mensagens com 140 caracteres que podem se disseminar com extrema velocidade e intensidade, ocupa hoje um lugar central nesta cena. Por conta disso, desenvolve-se pesquisa para a investigação dessas novas configurações de acontecimentos, com foco naqueles que envolvam temas como xenofobia, homofobia e outros preconceitos sociais. Desta forma, contempla-se a interface de dois processos de pesquisa, um encerrado e outro em andamento<sup>6</sup>. O primeiro analisou a produção de memória midiática a partir dos materiais jornalísticos envolvendo juventude em situação de vulnerabilidade. O segundo monitora a partir das notícias online aquelas cujo acontecimento trama-se na textura da rede e postula a construção de uma tipologia de webacontecimentos.

### **Movimentos teóricos**

O jornalismo ganha materialidade através de um sistema de signos. Ele opera fundamentalmente com as dimensões da representação e da interpretação. Ao se colocar como instância mediadora entre a sociedade a realidade que esta própria sociedade constitui, o jornalismo exerce a função de representar e se inscreve como linguagem: o jornalismo só existe materializado na condição de linguagem. Aquilo que o jornalismo representa, o seu objeto semiótico, é o mesmo fundamento que dispara processos na história e na literatura: o acontecimento. Apreendido no sistema jornalístico, o acontecimento se manifesta de três formas básicas: na notícia, na reportagem e no texto de idéias. Instituído como linguagem é possível que se chegue metodologicamente ao acontecimento jornalístico através de operações semióticas. Na medida em que o jornalismo migra intensamente para os ambientes digitais e móveis cuja dinâmica principal encontra-se nas conexões em rede, postulam-se novos atributos dos acontecimentos que investigações dos processos ajudariam elucidar.

O acontecimento ocupa como lugar lógico o próprio processo de transformação do objeto em signo. Será no interior desse processo que o acontecimento materializa-se

---

<sup>5</sup> Conforme IG em 11/05/2011 <http://bit.ly/mxC5Ob>

<sup>6</sup> A pesquisa encerrada em 2009 denominou-se Produção midiática como configuradora de memórias coletivas: jornalismo, periferia e tensões semiosféricas. Atualmente, desenvolve-se pesquisa chamada As transformações do acontecimento no webjornalismo financiada pelo Edital Universal do CNPq.



publicamente, mediação essa que se coloca também como via de acesso metodológico à sua própria constituição. Neste íterim que se vislumbra uma diferença do acontecimento tecido no âmbito dos mass media tradicionais e dos que se proliferam agora pela web. No modelo anterior havia uma unilateralidade do processo o que coloca o objeto do signo/acontecimento na condição lógica potencialmente exterior ou determinadamente indicial. Já a semiose disparada tendia a determinadas acomodações que dependeriam do grau de reverberação pública conquistado.

No atual modelo temos um objeto que se produz na interioridade do meio que se transforma em lugar lógico e virtual de sua constituição. O acontecimento já é essencialmente sígnico e a semiose vai se dar, em grande medida, na própria materialidade do meio em um processo de intensificação coletiva da produção do signo/acontecimento.

### **Semiose**

As definições de signo propostas por C. S. Peirce apresentam três aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, o signo é pensado de forma triádica e só existe enquanto tal a partir de um processo relacional das três dimensões envolvidas: signo, objeto e interpretante. Em segundo, se o interpretante é um novo signo acionado neste processo, e sua geração configura-se como potencialmente infinita, seu funcionamento já traz embutida a própria semiose que, em outros termos, significa a ação do signo. Em terceiro, o signo só existe por conta de uma determinação, a do seu objeto, cuja natureza não precisa ser necessariamente alguma "coisa" constituída no mundo, mas algo da ordem do imaginado ou do conceito. E toda a seqüência de interpretantes vai, de alguma forma, dar conta destes objetos originários.

Os avanços que Peirce foi obsessivamente instituindo na concepção de signo os levaram ao entendimento de que a semiose ao mesmo tempo em que significa o funcionamento propriamente dito do signo (representação), também indica o surgimento de novos signos inferidos do primeiro (interpretação). O mesmo processo possui uma dimensão representativa e outra interpretativa, que se interpenetram em cadeias de possibilidades infinitas (HENN: 2002).

Do âmbito do jornalismo, a produção de notícias configura-se como semiose complexa, movimentada por interpretantes que já se estabelecem na própria construção do acontecimento. Ao se transformarem em notícias propriamente ditas, além de darem forma às ocorrências, trazem embutidas as interveniências produtivas e os circunstanciamentos dos códigos que regem a atividade, que vão desde os critérios de



noticiabilidade e valores notícias, até as próprias normas de redação e edição do texto jornalístico. E a partir da sua veiculação, estão aptas a produzir interpretantes diversificados, materializados pela formação de opinião sobre determinados episódios e até mesmo pela geração de ações concretas na sociedade.

Com a explosão das redes sociais é possível pensar em um acontecimento que já contenha a textura da rede. Entende-se que já há uma gama de acontecimentos que têm a sua força de agendamento vinculada às novas formas de produção e consumo de noticiário. Pierre Nora (1979) sugere que existam acontecimentos portadores de elementos específicos correspondentes às mídias que lhes são contemporâneas. O Caso Dreyfus, na França, por exemplo, estaria para o nascedouro da imprensa moderna; a eclosão da Segunda Guerra para o rádio; e a chegada do homem à Lua para a televisão. Cada situação midiática transforma um pouco a natureza do acontecimento que passa a conter, nele próprio, as dinâmicas dos meios em que se engendra. Em tempos de transformações tecnológicas, com web, telefonia móvel, captação e transmissão disseminada das imagens e dos sons, o acontecimento parece sofrer profundas metamorfoses e concentra em si novos problemas.

Há mais de uma década, um acontecimento ganhava contornos a partir da web: o escândalo envolvendo o ex-presidente dos Estados Unidos Bill Clinton e a então estagiária da Casa Branca Mônica Lewinski. Ignácio Ramonet (1999) chama a atenção para a mudança que o episódio significou no comportamento do jornalismo. O gerente de uma loja de conveniência no edifício da rede de televisão norte-americana CBS noticiou o escândalo em primeira mão postando no seu blog, o *The Drudge Report*, o conteúdo das conversas telefônicas gravadas pela amiga e denunciante de Lewinsky, Linda Tripp. O jornalista Michael Isikoff, da revista Newsweek, acompanhava o caso e havia hesitado em difundir as conversas em busca de uma melhor apuração dos fatos. Foi surpreendido. A internet, desde então, passava a alterar as formas tradicionais de produzir e consumir informação.

## **Consolidação do online**



Desde a popularização da internet a partir da década de 1990, o jornalismo passou a migrar para a rede a apresentar dinâmicas próprias<sup>7</sup>. Neste período já foram identificadas formatos e mesmo gerações de jornalismo que atendem uma série de especificidades (MIELNICZUK, 2003). Termos como jornalismo eletrônico, jornalismo digital, ciberjornalismo, jornalismo online e webjornalismo começaram a frequentar os estudos sobre estas novas dinâmicas. As definições se aplicam tanto ao âmbito da produção quanto ao da disseminação das informações jornalísticas e não são excludentes, pois “o que ocorre é que as práticas e os produtos elaborados perpassam e se enquadram de forma concomitante em distintas esferas” (MIELNICZUK, 2003).

Existem já três gerações de jornalismo na internet e uma quarta estaria em curso. A primeira refere-se à mera distribuição do conteúdo do jornal impresso sem a exploração das potencialidades do novo meio. A segunda, mesmo presa ao modelo do impresso, já explora outros recursos como o oferecimento de conteúdo produzido especialmente para o meio lidando com uma nova temporalidade de difusão. A terceira já se refere a sites com produtos exclusivos e que exploram recursos como interatividade, hipertextualidade, multimídia, personalização, instantaneidade e memória. Segundo Barbosa (2004) vive-se um estágio consolidado para boa parte dos usuários, que contribui para se experimentar novos formatos de produtos e de narrativas, além de novos enfoques para os conteúdos, sua apresentação e disponibilização. Com a utilização da tecnologia de banco de dados que permite a outros atores a apuração, edição e veiculação de informação, estaríamos em uma quarta fase do jornalismo (SCHWINGEL, 2005).

Diaz Noci (2001) pergunta se estamos diante de uma nova modalidade de jornalismo ou se a única coisa nova é a técnica e o meio no qual as informações jornalísticas são apresentadas. Com o webjornalismo de terceira geração parece não haver dúvidas de que vivemos uma nova modalidade de prática jornalística.

Alterações profundas nos processos de produção e consumo de notícia passam a mudar a fisionomia do jornalismo. Alex Primo (2006) lembra que enquanto fenômeno midiático, o jornalismo mantém íntima relação com os canais tecnológicos, seus potenciais e limitações. “Como processo complexo, a alteração do canal repercute de forma sistêmica sobre o processo comunicacional como um todo. A produção e leitura

---

<sup>7</sup> Em artigo apresentado no X Encontro da Compós em 2001, Zélia Leal Adghimi e Gilson de Souza Nunes Ribeiro já problematizavam a identidade do jornalista na sua migração para o ambiente online. Jornalismo online e identidade profissional do jornalista, disponível em [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1214.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1214.pdf), acesso em 15/04/2011



de textos em jornal impresso e online se transforma em virtude dos condicionamentos do meio”. Uma dessas mudanças é a maior interferência popular no processo noticioso conquistada pela popularização do acesso e pela simplificação das tecnologias que favorecem e simplificam a publicação e cooperação na rede.

Como conseqüência, a ação de interagentes (PRIMO, 2006) leva a apropriação popular de papéis reservados anteriormente a jornalistas. “A diferença crucial é que os jornalistas devem seguir todo um conjunto de regras profissionais e deontológicas”, aponta Rodrigues (2007). Os próprios meios tradicionais têm recorrido frequentemente a imagens divulgadas por cidadãos anônimos. As potencialidades da mobilidade tecnológica intensificam ainda mais as rupturas de tempo e espaço tradicionais desencadeadas pelo webjornalismo.

Para Castells, Fernandez-Ardevol, Qiu e Sey (2004), tempo e espaço são dimensões fundamentais da existência humana e as mudanças nas tecnologias de comunicação possuem um impacto crítico nestes dois fenômenos. Configura-se aquilo que Castells (2005) entende como espaço de fluxos, em contraposição ao espaço de lugares. Os locais agora são alcançados em grau cada vez mais rápido com as barreiras espaciais suprimidas progressivamente em um tempo instantâneo de troca de informação, o que transforma a própria maneira de se produzir e consumir material jornalístico.

A percepção do tempo também se transforma para uma espécie de contínuo presente que paradoxalmente une o eterno e o efêmero. Castells (1999) chama este fenômeno de tempo intemporal que pertence ao espaço de fluxos, “ao passo que a disciplina tempo, o tempo biológico e a sequência socialmente determinada caracterizam os lugares em todo mundo, estruturando e desestruturando materialmente nossas sociedades segmentadas”.

O jornalismo, tradicionalmente vinculado ao presente, mas ainda atrelado ao tempo do evento, do processo produtivo e do receptor (FRANCISCATO, 2000) vive agora uma espécie de exasperação da instantaneidade e da proliferação simultânea do acontecimento em rede. As redes comunicacionais digitais móveis de acesso translocal, como os telefones celulares, os wireless computers e as conexões sem fio adensam a vivência do “tempo real” pelo jornalismo (COSTA, 2003) a partir de espaços híbridos (SOUZA e SILVA, 2004).

Desencadeia-se uma “aceleração contemporânea” (SANTOS, 1997), cujas conseqüências são novos ritmos não só de deslocamento de corpos, mas também de



transporte de idéias e de informação. Acentuam-se as características daquilo que Castells (2004) chama de sociedade em rede – tempo intemporal e espaço de fluxos: o espaço passa a ser homogeneizado e o tempo comprimido e fragmentado, alterando novas práticas de tempo.

Já na década de 1970, diante dos sistemas de comunicação existentes na época, Pierre Nora (1979) sentenciava que nenhuma época havia visto como aquela seu presente ser vivido de um modo tão carregado de sentido histórico. Essa vasta democratização da história, que confere ao presente a sua especificidade, possui as suas lógicas e as suas leis que culmina em um fenômeno novo: o acontecimento. Entende Nora que com isso, aos *mass media* passa a pertencer o monopólio da história. “Nas nossas sociedades contemporâneas é através deles, e só através deles, que o acontecimento nos toca e não pode evitar-nos” (NORA, 1979: 245). Fenômenos históricos passam a surgir no ambiente dos media trazendo suas marcas. Vive-se hoje a emergência de acontecimentos que se propagam em rede e nela se instituem. Novas configurações espaço temporais estabelecem-se dando ao acontecimento dinâmicas inéditas.

### **Desafios teóricos e metodológicos**

O acontecimento que se engendra na rede lança desafio instigante: como se chegar aos meandros da sua produção em um processo que, em grande medida, já se coloca digitalizado? Pensa-se que as formas contemporâneas de configuração do acontecimento já se estabelecem no próprio processo de sua constituição: elas são o processo (SALLES, 2011). Nesse sentido, sua materialidade semiótica pode ser acessada na tessitura do acontecer.

Nessa perspectivas, dois caminhos metodológicos configuram-se: o mapeamento dos processos constitutivos dos signos e de suas respectivas semioses e a compreensão da estatura sígnica do ambiente vinculadas às categorias fenomenológicas da semiótica. Para esse tipo de análise é necessário algumas considerações.

Peirce propôs uma extensa classificação dos signos tendo inicialmente por base a fenomenologia que fundamenta toda sua arquitetura semiótica. Na dimensão da primeiridade estão os signos que funcionam como tal por conta de suas qualidades positivas: o vermelho como signo desta qualidade independente da matéria em que está encarnado e que, por conta disso, produz como interpretante apenas uma *qualidade de sentimento*. Nesta categoria encontram-se os ícones puros, cuja força representacional



esgota-se na qualidade nela mesma e que, por isso mesmo, aponta para infinitas possibilidades de sentido.

Na dimensão da secundidade despontam os signos que funcionam como tal por designarem objetos singulares, concretos: as pegadas como indício da passagem de alguém e cujo interpretante só pode dar conta deste objeto singular, o alguém que depositou as pegadas. Esta categoria forma os índices puros, os signos que se ligam aos objetos por conexão física com interpretantes limitados a tal concretude particular.

Na dimensão de terceridade figuram os signos cujo caráter representacional é arbitrário e que têm objetos de natureza geral: os substantivos comuns que apontam para generalidades como a palavra mesa que corresponde a todo e qualquer objeto que corresponda ao conceito geral nela implícito. Figuram nesta categoria os símbolos que são signos sempre regidos por uma convenção e que sempre se referem a idéias gerais.

Entre estas formas que Peirce entendia como puras existem inúmeras possibilidades de combinação o que faz de qualquer taxonomia a partir das categorias peirceanas uma operação bastante complexa. Em primeiro lugar, o signo nunca é somente uma coisa (ícone, índice, símbolo). Existe algum aspecto da categoria que se torna proeminente na sua função como signo e por conta disso ele assume as perspectivas sgnicas desta categoria. Em segundo, Peirce também concebia formas degeneradas de signos no interior das categorias ou entre elas. Uma imagem figurativa, por exemplo, seria inicialmente um signo de primeiridade por representar seu objeto a partir de analogias formais, qualitativas. Entretanto se a imagem representada referir-se a um objeto reconhecível e de existência singular concreta fora dela, a dimensão de secundidade se sobressai. Se a imagem referir-se a uma objeto de caráter geral, estão tem-se a secundidade dominando. Para Peirce (CP 2.276) qualquer imagem material, como uma pintura, é imensamente convencional no seu modo de representação. Porém, em si mesma, ela tem qualidades que a situam na condição de ícone degenerado ou hipoícone.

Em CP 1.530 Peirce chama a atenção que a secundidade sempre terá elementos da primeiridade e que a terceridade igualmente conterà secundidade e terceridade. Como tudo que acessamos e pensamos já está inscrito em nível terceiro, seja pelo fato de que entre a dimensão primeira e segunda sempre se interporá um signo ou pelo circunstancia de que todo o signo já está inscrito em algum nível de codificação, estaremos reiteradamente lidando com formas degeneradas das categorias. Peirce (CP 1.353) postulava que talvez nem se devesse chamar as categorias de concepções. Entendia ele





que elas são tão inatingíveis nas suas formas puras que mais pareciam timbres ou matrizes de conceitos.

Uma fórmula algébrica, dizia ele (PEIRCE, CP 2.279) é um ícone que se torna tal pelas regras de comutação, associação e deistribuição de símbolos. Ela poderia ser considera um signo convencional composto, mas a fórmula exhibe uma importante propriedade peculiar ao ícone: “através de uma observação direta, outras verdades relativas ao objeto podem ser descobertas além das que bastam para determinar sua construção”. O exemplo reforça o argumento aqui defendido de que em uma taxonomia inspirada nas categorias tem que se levar em contar o caráter predominante dos signos em um primeiro plano, mesmo que se saiba que todos já são orquestrados de forma mediada, o que lhes confere uma terceridade irrecusável.

Assim como os hipoícones, Peirce também desenha os índices degenerados. “Se a secundidade for uma relação existencial, o índice é genuíno. Se a secundidade for uma referência” (PEIRCE, CP 2.283). Desta forma um substantivo próprio, um demonstrativo pessoal, um pronome relativo ou a letra que se aplica a um diagrama “denota o que denota em virtude de uma conexão real com seu objeto, mas nenhum desses elementos é um índice, dado que não são individuais” (PEIRCE, CP 2.284). São subíndices ou hipossemas. Já qualquer palavra comum é um exemplo de símbolo (PEIRCE, CP 2,298). Ele não pode indicar uma coisa particular qualquer mas denota uma espécie de coisa. Mas Peirce (CP 2.301) cogitava de que a existência das palavras nas mentes das pessoas já lhe conferiam algum grau de individualidade. Por outro lado, para sair da generalidade para a individualidade, os símbolos necessariamente degeneram para a secundidade.

O ambiente da web é povoado por todas estas categorias sígnicas em dimensões das mais variadas. Há questões espaciais e temporais que precisam ser contempladas para a análise dos acontecimentos que se constituem neste ambiente. Por outro lado, são vários os sistemas de linguagem que se articulam e que apontam para uma diversidade de formas semióticas, todas potencialmente produtoras de sentidos. A indicialidade comum ao acontecimento confronta-se com uma intensa gradação das categorias trazendo novos problemas para a investigação.

Se a semiose é um processo que se dá no fluxo do tempo (no sentido de irreversibilidade, proposto por Prigogine, 1996), inclusive como probabilidade e se concebe-se o acontecimento o como disparador de semioses, ela também gera memória que concentra presente, passado, futuro, peculiaridade que traz problemas alvissareiros.



Frente à entropia, a semiose comporta-se como um processo de autopoiese. O signo tem uma capacidade gerativa e só funciona como tal em função desta potencialidade. Já a causação final, a tendencialidade que anima a semiose, é a meta capaz de manter a permanência de uma linguagem. É ela que permite o fluxo de informações e a fixação destas informações no tempo. Ao extrassomatizarem-se, ganhando certa perenidade no mundo sensível, as linguagens desencadeiam nova integralidade gerando espaços semióticos, a semiosfera.

Diante da entropia do cotidiano, a semiose jornalística, que tem como matriz diversas linguagens e códigos, auto organiza-se de forma hipercomplexa. Com as redes sociais o processo de produção e circulação de notícia hoje está disseminado. A notícia não precisa necessariamente freqüentar o ambiente chancelado como o lugar institucional da notícia.

E o jornalismo em base de dados possibilita a apuração de informações sem a mediação do jornalismo convencional. E são nessas operações que se percebem mudanças mais profundas. O jornalismo tradicional se vê compelido a se apropriar destas plataformas e ferramentas, seja num processo de convergência, seja no do estabelecimento de novos padrões. O acontecimento transformado em signo amplia-se em cadeia interpretante rizomática, hipertextual e multimidiática trazendo complexidade maior à relação signo/objeto. O irromper do acontecimento neste ambiente pode produzir uma semiose explosiva, de imediata repercussão e de desafios instigantes para a pesquisa.

### **Demandas sociais e semiosfera**

Novas semioses intensificam-se com outras configurações de memórias, histórias e impactos socioculturais, cujas lógicas constitutivas pesquisas com perspectiva semiótica podem ajudar a decifrar.

A semiose é um processo de geração de signos multidirecional e simultâneo que, dependendo do fundamento e do suporte em que o signo se constitui, corresponderá a um complexo sígnico com infinitas possibilidades de interpretantes que oscilam entre a conservação e a inovação. Trata-se de um fenômeno que se dá no fluxo do tempo, inclusive como probabilidade. Na medida em que a semiose avança, vai *gerando memória*, concentrando presente, passado e futuro.

Por outro lado, conforme proposição de Michael Pollak (1989) memórias subterrâneas que dormitam no esquecimento, diante de determinadas circunstâncias podem aflorar. Basta, para isso, que um conjunto de signos seja acionado no



desencadeamento de novas semioses, possibilitando, inclusive, outras versões da história: os objetos dinâmicos, fora que estão dos signos mas, ao mesmo tempo, determinantes na sua existência, mantém o motor semiótico em potencial movimento.

Os processos midiáticos concentram a produção das semioses que envolvem os textos da cultura e entende-se que o jornalismo está a frente destes processos como principal palco em que se negociam esta trama de disputas. Ao atribuir-se a competência de definir que é realidade relevante o jornalismo produz, nesta operação, enquadramentos em vários níveis. Um deles situa-se na própria estipulação das fronteiras semiosféricas. Outro, e não menos importante, dá-se na construção dos acontecimentos noticiosos com todas as operações de produção nela implícitas. A mera escolha de uma fonte em detrimento de outras, fato que, na cobertura policial produz enviezamento problemático, já é uma forma avassaladora de enquadramento neste nível.

A escolha dos fatos noticiáveis, sua hierarquização e enquadramentos desencadeiam semioses que não se esgotam no consumo imediato das notícias, mas apontam para possibilidades de apropriações futuras através das quais toda esta codificação replicante pode sedimentar determinados sentidos. Segmentos sociais historicamente silenciados, condenados a uma memória subterrânea e, via de regra, confinados às editoriais policiais, ocupam espaços extra sistêmicos nesta memória midiaticizada. Entretanto, conforme o movimento da semiosfera, estes segmentos conseguiriam realizar operações fronteiriças e provocar transformações de códigos.

A semiosfera desenhada por Iuri Lotman (1999, 1979, 1978) compreende o espaço produzido por todos os processos de semiose e traz, para o plano da cultura, dinâmicas isomorficamente próximas ao que acontece no plano da vida, cujos processos constroem a biosfera. Próximas porque em ambos os casos temos, estruturalmente, sistemas dinâmicos, abertos e fora do equilíbrio, o que significa que se tratam de sistemas não lineares, sujeitos a flutuações tanto pequenas quanto estrondosas e que estão em contínuos processos de mudanças que podem culminar em transformações radicais. Como a semiosfera engloba o conjunto das dinâmicas culturais, é neste espaço conflitante e ruidoso que se dá a produção de sentido e a de memória coletiva.

Este espaço é constituído por fronteiras cujos pontos pertencem simultaneamente ao interior e ao exterior. A função de toda a fronteira é a de limitar e filtrar as migrações ou invasões do exterior. E essa operação converte-se em processos de tradução que consiste na semiotização do que entra de fora e sua conversão em informação (LOTMAN, 1999).



A semiosfera na qual se constitui a memória midiaticizada, comportando-se como um sistema aberto, dinâmico, fora do equilíbrio, não é estável e, por conta disso, está sujeita a periódicas convulsões, algumas delas com poder transformador intenso. Neste sentido tais apagamentos, que Pollack (1989) chama de memórias subterrâneas, podem emergir através de operações de traduções nas fronteiras sistêmicas desencadeando novos enquadramentos. Postula-se que a constituição de acontecimentos a partir das redes sociais possa trazer munição importante para que se desestabilizem formas de enquadramento tradicionais.

### Referências bibliográficas

- ADAM, Bárbara. Reflexive modernization temporalized. **Theory, Culture & Society**. London, v.20, n.2, p.59–78, 2003.
- ADGHIRNI, Zélia Leal e RIBEIRO, Gilson, Jornalismo online e identidade profissional do jornalista in **X Compós**, Porto Alegre: PUCRS. Disponível em [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1214.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1214.pdf), acesso em 15/05/2011
- ALVES, Rosental Calmon. **Reinventando o jornal na Internet**. 2002. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art236.htm>>. Acesso em 15/05/2011.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989.
- ANTUNES, Elton. “Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico”. **Em Questão** (UFRGS). Porto Alegre, v. 13, p. 25-40, 2007.
- ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. “Mídia: um aro, um halo e um elo.” In: GUIMARÃES, Cesar.; FRANÇA, Vera. **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 43-60.
- BARBOSA, Suzana. **Banco de Dados: Agentes para um webjornalismo inteligente?**. Paper apresentado no V Congresso IberoAmericano de Periodismo em Internet, FACOM/UFBA 2004. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004\\_barbosa\\_agentes\\_inteligentes.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004_barbosa_agentes_inteligentes.pdf). Acesso em: 04/05/2011.
- BARDOEL, Jo & DEUZE, Mark. Network Journalism: converging competences of old and new media professionals. Disponível em: <<http://home.pscw.uva.nl/deuze/publ9.htm>>. Acesso em: 28/07/2009.
- BEIGUELMAN, Giselle. Entre hiatos e intervalos (a estética da transmissão no âmbito da cultura da mobilidade). ARAUJO, Denize Correa (org.). **Imagens (Ir) realidade: comunicação e cibernmídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 152-162.
- BONIN, Jiani, “Mídia e memórias: elementos para pensar a problemática das memórias étnicas midiaticizadas”, in **Logos**, Edição Especial. Rio de Janeiro: UERJ, 38-50, 2005.
- BRAMBILLA, Ana M. A reconfiguração do jornalismo através do modelo *open source*. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <[http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/reconfig .pdf](http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/reconfig.pdf)>. Acesso: 02/08/2010.
- BRIGGS, Mark. **Journalism 2.0. How to Survive and Thrive. A digital literacy guide for the information age**. 2007. Disponível em: <[http://www.j-lab.org/Journalism\\_20. pdf](http://www.j-lab.org/Journalism_20.pdf)>. Acesso em: 02/05/2011.



- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. (A era da informação : economia, sociedade e cultura ; v. 1). 8. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CASTELLS, Manuel; QUI, Jack Linchuan; ARDEVOL, Mireia Fernández; SEY, Araba. **Mobile Communication and Society**. A Global Perspective. MIT Press, Boston, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FRAGOSO, Suely, RECUERO, Raquel e AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão (SE): Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.
- HENN, Ronaldo. O Jornalismo como semiótica da realidade social. XVII Compós, Anais, GT Estudos do Jornalismo, 2008.
- HENN, Ronaldo, “O direito a memória na semiosfera midiaticizada”, in Revista Fronteiras, Estudos Midiáticos. Vol. 8, n. 2. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- HENN, Ronaldo, A semiodiversidade diante da irreversibilidade do tempo. Intercom, Anais, NP 15, Rio de Janeiro, 2005 a.
- HENN, R., OLIVEIRA, C., CONTE, M. e WOLFF, M. P., Crime in Media: An interdisciplinary research, in **Brazilian Journalism Research**, vol. 1, nº 2. Brasília: SBPJor, 2005.
- HENN, R., OLIVEIRA, C., Criminalidade e notícias nos jornais de Porto Alegre. Anais, III SBPJor. Salvador, 2004.
- LEMONS, A. L. M.. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multiredes (DHMCM). São Paulo. 2007. Artigo disponível em: [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andre\\_lemos/DHMCM.pdf](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andre_lemos/DHMCM.pdf). Acesso em: 02/08/2009.
- LÉVY, Pierre. A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes, SILVA, Juremir Machado da e (org.). **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina; Edipucrs, 1999. p. 195-216.
- LIMA, Érica Hollerbach Lima. O webjornalismo de terceira geração: um estudo de caso. **Revista Espcom**, nº 2. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~espcom/revista/numero2/erika.html>. Acesso em: 27/04/2011.
- LOTMAN, Yuri, **Cultura y explosión, Lo previsible en los procesos de cambio social**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.
- LOTMAN, Yuri (1979), "Sobre o problema da tipologia da cultura", in SCHNAIDERMAN, Boris, **Semiótica Russa**. São Paulo: Perspectiva: pag. 31-41.
- LOTMAN, Yuri (1978), **A Estrutura do Texto Artístico**. Lisboa: Editorial Estampa.
- LOTMAN, Yuri, USPENSKII, Boris, et. al. (1981), **Ensaio de Semiótica Soviética**. Lisboa: Horizonte Universitário.
- MIELNICZUK, Luciana. Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 2003. 246f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador. Disponível em: [http://www.facom.ufba.br/jol/producao\\_teses.htm](http://www.facom.ufba.br/jol/producao_teses.htm) Acesso em: 28/04/2011.
- MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conceitos de jornalismo na web. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (orgs). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.



MIELNICZUK, Luciana. Webjornalismo de Terceira Geração. Continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web. Trabalho apresentado no XXVII - INTERCOM, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17332/1/R0816-1.pdf>>. Acesso em: 05/05/2011.

PALÁCIOS, Marcos e NOCI, Javier Diaz (Eds), **Ciberperiodismo: métodos de investigación: Una aproximación multidisciplinar em perspectiva comparada**, disponível em <http://bit.ly/mjG0w0>. Acesso em 18/05/2011

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M (org.). **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: Edições GJOL, 2003, p. 13- 36.

PEIRCE, Charles Sanders. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Past Masters, CD-ROM. EUA, IntelLex Corporation, 2002.

PEIRCE, Charles Sander. **Philosophical Writings**. New York: Dover, 1995.

PEIRCE, Charles Sander. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PRIGOGINE, Ilya (1996), **O Fim das Certezas. Tempo, Caos e as Leis da Natureza**. São Paulo: Unesp.

PRIGOGINE, Ilya e STENGERS, Isabelle (1990). **Entre o Tempo e a Eternidade**. Lisboa: Gradiva.

\_\_\_ (1984) **A Nova Aliança**. Brasília: UNB.

PRIMO, Alex e TRÄSEL, Marcelo. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>. Acessado em: 12/08/2009.

POLLAK, Michael, “Memória, esquecimento, silêncio”, in **Estudos Históricos**, vol. 2, n. 3, Rio de Janeiro: 3-15, 1989.

RAMONET, Ignácio. **Tirania da Comunicação**. Porto: Campo das Letras, 1999.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet, in e-compós, 2009. Disponível em <http://bit.ly/eyzvhP>. Acessado em 12/05/2011

RECUERO, Raquel. A economia do retweet: Redes, Difusão de Informações e Capital Social no Twitter, in XX Compós, Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em <http://www.compos.org.br/>. Acesso em 12/05/2011

SCHWINGEL, Carla. Jornalismo digital de quarta geração: a emergência de sistemas automatizados para o processo de produção industrial no Jornalismo Digital. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005/carlaschwingel2005.doc>>. Acesso em:12/02/2010.

TUCHMAN, Gaye. **Making News. A Study in the Construction of Reality**. New York: The Free Press, 1977.

